

MANUAL DO PROFESSOR

Histórias de antigamente

Autoria

Daniela de Amorim Lopes (CEDAC)



FONTANAR

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA DANIELA DE AMORIM LOPES (CEDAC)

LIVRO

HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE

AUTORA E ILUSTRADORA

PATRICIA AUERBACH

CATEGORIA 1

**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS

**FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA; O MUNDO
NATURAL E SOCIAL; DIÁLOGOS COM A
HISTÓRIA E A FILOSOFIA**

GÊNERO LITERÁRIO

MEMÓRIA

fontanar

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lopes, Daniela de Amorim

Manual do professor — Histórias de antigamente / Daniela
de Amorim Lopes ; CEDAC. — Rio de Janeiro : Fontanar, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-63277-90-9

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
II. Auerbach, Patricia. Histórias de antigamente III. CEDAC

18-0981

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Histórias de antigamente*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. A autora e a obra:** dados biográficos da autora e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. A AUTORA E A OBRA

Patricia Auerbach, nascida em 1978, na cidade de São Paulo, e formada em arquitetura e pedagogia, foi diretora de arte em agências publicitárias, deu aulas de história da arte para crianças e jovens e trabalhou como arte-educadora e professora de uma ONG localizada na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. Autora e ilustradora de livros infantojuvenis, ela conta que foi a maternidade que fez que ela passasse, além de ilustrar, a escrever as histórias, inspirada nas cenas que observa no cotidiano com os filhos. Sempre ligada às artes plásticas, Patricia dedica-se ao estudo da leitura de imagens em livros, pesquisando a relação entre a imagem e o texto na construção do sentido da obra.

Entre os livros que Patricia escreveu e ilustrou estão *O jornal* (Brinque-Book, 2012) — que, em 2013, recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) de Melhor Livro-Imagem e foi finalista na categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil do prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura brasileira —, *O lenço* (Brinque-Book, 2013) — que recebeu o Selo Altamente Recomendável da FNLIJ — e *Direitos do pequeno leitor* (Companhia das Letrinhas, 2017) — escrito em parceria com o ilustrador Odilon Moraes.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968, no Rio de Janeiro. A fundação é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), associação internacional que visa promover a leitura entre os jovens. A missão da FNLIJ é promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito de leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e

comunitárias. Para saber mais sobre a fundação e suas ações, visite o site oficial [disponível em: <<http://bit.ly/2JqVJod>>; acesso em: 5 jun. 2018].

Histórias de antigamente é um livro de memórias, em que Patricia fala da sua infância e reconta os causos que ouviu dos avós e bisavós. O fio que tece essa narrativa são objetos citados nas histórias — como a geladeira e o telefone —, que ela apresenta ao leitor em três tempos: como eram, ou se existiam, na época dos parentes mais velhos, na sua época de criança e nos dias de hoje. Além dessa perspectiva, dada pelas lembranças da escritora, o livro também traz textos que informam sobre a origem desses objetos. Com uma escrita envolvente e ilustrações que se unem ao texto verbal para contar a história, este é um livro que oferece ao leitor possibilidades de ampliar seu repertório em diferentes áreas do conhecimento.

Para conhecer um pouco mais a respeito das reflexões de Patricia Auerbach sobre a importância da leitura de imagens, sugerimos uma palestra que a autora proferiu em São Paulo, em 2016, em um encontro de educadores. Disponível em: <<http://bit.ly/2yqz2MC>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Um encontro entre o passado e o presente, escrito numa narrativa atraente, divertida e instigante é o que espera o leitor de *Histórias de*

antigamente. No livro, Patricia Auerbach resgata memórias de sua infância e sua afetuosa relação com o bisavô e outros parentes, dos quais ouviu causos engraçados que marcaram suas lembranças. Nessas narrativas, o leitor conhece, por exemplo, o jeito como o avô contava as histórias de sua vida — e pode-se dizer que a escritora guardou consigo algo dessa magia de cativar o interlocutor:

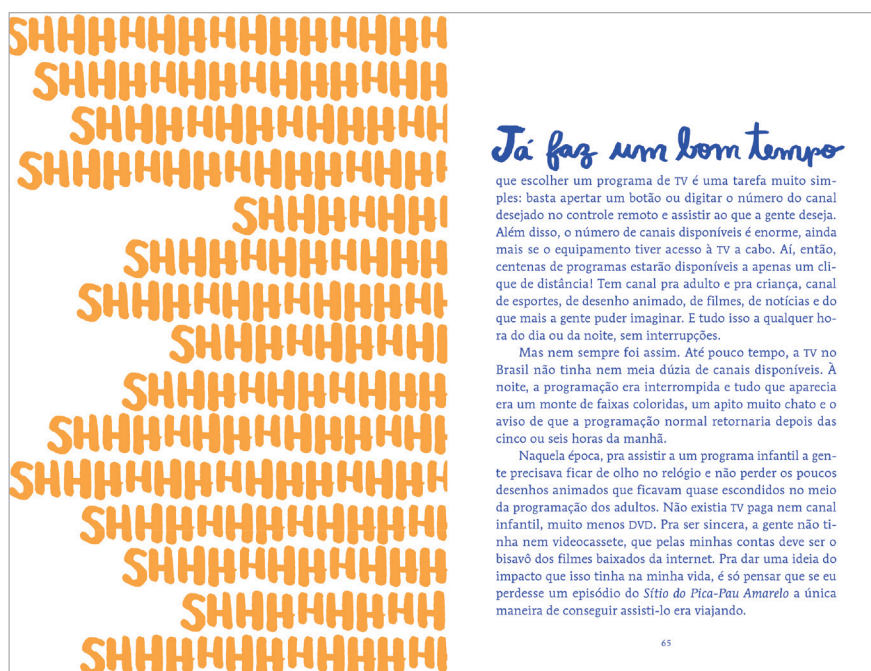
Ele é um desses contadores de histórias que falam pausado, com muita calma, pra deixar tudo bem explicadinho. O que eu acho mais engraçado é que a minha avó (que é muito agitada e fala bem depressa) às vezes fica impaciente com o ritmo do vovô e se mete no meio da história pra contar rapidinho o que ele levaria um tempão pra falar. (p. 11)

Nas memórias, como fio que reúne todas elas, a autora destaca como era viver sem alguma das comodidades com que hoje contamos, ou com uma versão mais antiga delas: a geladeira, o vaso sanitário, o carro, o telefone e a televisão. Após suas memórias, que transmite com uma sensação de nostalgia carinhosa, Patricia apresenta um texto expositivo que traz uma perspectiva histórica da invenção e do desenvolvimento desses aparelhos e objetos, que permitem ao leitor perceber algumas transformações da sociedade ao longo dos anos. Observe, por exemplo, o trecho abaixo, em que ela trata da geladeira:

[...] em 1838, o médico americano John Gorrie, pensando em dar mais conforto a seus pacientes internados, pendurou sacos com gelo nas salas de um hospital para refrescar o ambiente. Como conseguir gelo naquela época era muito complicado, Gorrie apelou para seus conhecimentos de química e física e criou uma máquina a vapor que utilizava as propriedades térmicas da água e do sal para produzir gelo. Dessa forma, [...] o médico acabou criando de uma só vez o ar-condicionado e a geladeira. (p. 21)

O jovem leitor, certamente, vai notar as diferenças entre os dois gêneros textuais (memória e texto expositivo), e o professor poderá discutir com os alunos as características de um e de outro gênero, colaborando para que eles aumentem seu repertório e desenvolvam um olhar mais crítico e analítico acerca dos recursos linguísticos e composicionais que podem ser empregados na escrita. Por exemplo, sugere-se observar que as memórias são escritas em primeira pessoa, e o texto expositivo em terceira. Como destaca a pesquisadora espanhola Teresa Colomer (2007), “A literatura em seu nível mais profundo permite apreciar as mais infinitas possibilidades de estruturar e reestruturar os recursos da linguagem a serviço da atividade comunicativa do discurso” (p. 32).

A ilustração é um aspecto relevante do livro. Em alguns momentos, a imagem ilustra um trecho do enredo; em outros, está a serviço da construção do sentido, provocando o leitor para que ele reflita sobre a mensagem que está transmitindo. Observe, por exemplo, essa composição de imagem e texto (pp. 64-5):



A ilustração é composta pela onomatopeia “shhhhhhh”. Qual é a relação dela com a televisão, aparelho que vai aparecer nas memórias da autora que começam na página 65? Caberá ao estudante inferir essa relação, já que não há nada no texto que a explique. Fica a cargo do leitor, assim, unir imagem e texto e construir um sentido para esse encontro.

Essa é uma discussão interessante, posto que não haverá como chegar a uma única conclusão; afinal, embora um símbolo possa ser universal, seu significado também é particular e ajustável ao momento que se vive. Uma maçã, por exemplo, é uma fruta e disso ninguém tem dúvida, mas às vezes ela será alimento; outras, o símbolo do pecado capital; outras ainda, de uma marca de computadores.

A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais. (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 31.)

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Histórias de antigamente é um livro em que a escritora e ilustradora Patricia Auerbach reconta causos que ouviu de seus familiares e narra episódios de sua infância. Constitui-se assim, sobretudo, como um livro de memórias, já que as lembranças são de acontecimentos reais.

Conforme destacamos anteriormente, há nele também a presença de

textos expositivos, que informam o leitor a respeito do elemento comum que Patricia escolheu para interligar suas narrativas: objetos do cotidiano e suas transformações ao longo do tempo.

O encontro dessas duas formas de contar uma história permite que o estudante tenha a chance de observar algumas regularidades dos gêneros e também duas formas de apresentar o mesmo objeto, porque, afinal, há uma distinção entre o efeito provocado por um texto subjetivo, fundado na memória afetiva de quem o escreve, e outro objetivo, cuja finalidade é informar o leitor. O tema tratado é o mesmo, mas o discurso que o apresenta não. Observar essa distinção permite ao estudante “Identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes nos textos e sobre os efeitos de sentido do uso do discurso direto, indireto, indireto livre, citações” (BRASIL, 2017, p. 71).

A expressão “coisas de antigamente” passeia por toda a narrativa e é como uma costura que une uma memória à outra, contribuindo para a continuidade da obra. Observar esse aspecto e outros, por exemplo as ilustrações que apresentam elementos verbais, o modo como a narradora inicia cada memória, tudo isso contribui para que o estudante possa “Estabelecer relações entre as partes do texto, identificando repetições, substituições e os elementos coesivos que contribuem para a continuidade do texto e sua progressão temática” (BRASIL, 2017, p. 71).

Paralelamente à questão dos recursos literários empregados, *Histórias de antigamente* promove uma forma afetuosa de se relacionar com os parentes mais velhos, lembrando ao leitor que são eles que carregam em si as histórias familiares, que são o testemunho vivo da passagem do tempo, não só expressa em suas rugas ou cabelos brancos, mas naquilo que observaram sobre a transformação da sociedade. Quando compartilham suas experiências, seus relatos tornam-se uma espécie de documento histórico, que, além de proporcionar prazer ao interlocutor ou estreitar vínculos, também constroem uma narrativa dentro de um tempo-espço, que pode, e deve, ser estudada com atenção.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

O encontro entre o jovem leitor e a obra é um momento especial, único, e merece ser pensado e preparado com desvelo. Ler um livro é mais do que juntar letras formando palavras, juntar palavras formando frases. Não se trata somente de decodificar os símbolos, mas atribuir-lhes significados, compreender e construir um sentido para o que se lê. Por isso, é preciso planejar os momentos de leitura compartilhada e individual, em casa ou na sala de aula, e selecionar os capítulos que serão lidos numa e em outra proposta.

É importante prever momentos de leitura individual e silenciosa, para que o estudante tenha a chance de sentir e compreender a narrativa a partir de suas experiências de vida, ainda sem conhecer as experiências de outros leitores com o livro.

Se essa construção do sentido começa na leitura individual do texto, é no compartilhamento das impressões e opiniões acerca da história que podemos expandir esse sentido construído anteriormente, na solidão dos pensamentos do leitor. É na troca de ideias, na discussão das hipóteses, no concordar, refutar ou incrementar essas hipóteses que o estudante poderá construir um sentido coletivo para a história, ampliando o que havia dado àquilo que leu.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque possível beneficiar-se da competência do outro para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências acumuladas mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143.)

Desse encontro faz parte o professor, que desempenha um papel fundamental na apreciação do livro pelo estudante. E, por apreciar, não entendemos simplesmente gostar do que se lê, mas observar suas nuances, no que diz respeito tanto ao enredo como aos recursos linguísticos utilizados pela autora na concretização da obra.

Será preciso prever momentos de intercâmbio entre o professor e seus alunos, seja individualmente ou em grupo, sobre os textos que leram ou estão lendo, para saber o que interpretam e como resolvem os problemas de compreensão e também para poder ajudá-los e oferecer a eles formas de proceder mais adequadas, se for preciso. Assim, seria conveniente criar continuamente situações para falar do que se lê e de como se faz, mais do que dedicar horas e horas a simplesmente oralizar textos. (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 69.)

Um primeiro passo que você pode ajudar o estudante a dar em direção ao livro é a análise da capa e do título: *Histórias de antigamente*. Num primeiro momento, sugere-se que o jovem leitor se fixe no que está explícito no título: trata-se de um livro que conta histórias antigas. Provoque-o, então, perguntando o que as ilustrações da capa dizem a respeito dessas histórias: O que as ilustrações revelam? Qual é a relação entre elas e o título?

Depois dessa conversa, peça a um voluntário que leia a quarta capa e verifique com a turma se esse texto ajuda o leitor a antecipar o conteúdo da história. É possível saber o gênero literário da obra? Como? O que levou a essa hipótese? Também é propício que, nesse momento, se aborde o texto dirigido à leitora e ao leitor, que abre o livro, observando as informações que oferece sobre o que vai ser lido.

Outro momento que pode se dar de forma compartilhada é a leitura da apresentação do livro, de modo que os estudantes experimentem esse primeiro encontro juntos. Aproveite para abrir uma discussão sobre a relação entre imagem e texto. Observe com eles a ilustração que mostra uma gaiola aberta,

com dois pássaros voando perto dela. O texto verbal, porém, aparentemente, não está relacionado a essa imagem, pois apresenta ao leitor o contexto da criação do livro — que é inspirado nas histórias que a escritora ouvia de seus parentes —, e nada fala sobre pássaros e gaiolas. O que essa ilustração tem a ver com o texto? Por que está ali? Os pássaros fugiram? Alguém os soltou? Como sabemos?

Para a leitura da história, portanto, alterne momentos de leitura compartilhada e individual, procurando garantir que aconteçam conversas após as leituras autônomas. Uma atividade que pode auxiliar o estudante a olhar com mais atenção para o texto é pedir que ele faça anotações sobre os capítulos que ler sozinho: Que informações mais chamaram sua atenção? Por quê? Você imaginava como era esse objeto “antes de antigamente”? Como era?

Como dissemos, um aspecto que merece destaque na leitura de *Histórias de antigamente* é a presença de dois gêneros textuais: as memórias, em que a narradora-personagem divide suas lembranças mais preciosas de infância, carregadas de afeto e saudade; e textos expositivos, escritos em terceira pessoa, com informações objetivas que contextualizam historicamente a invenção em foco.

Colocar os estudantes para discutir a presença desses dois gêneros permite-lhes perceber que o livro promove o encontro entre o texto literário e o expositivo. Nesse sentido, pode-se perguntar: Que efeito a autora quis provocar ao fazer isso? Eles vão precisar de sua parceria para observar que as informações transmitidas pelo texto expositivo ampliam as memórias que a autora compartilha com o leitor. Ao recuperar suas memórias, é provável que alguns detalhes da história tenham se perdido e que a autora tenha preenchido as lacunas provocadas pelo tempo com a própria imaginação — do mesmo modo que as pessoas que contaram suas histórias para ela. Assim, podemos supor que a função do texto expositivo é legitimar a memória da autora, não no que diz respeito ao caso que ela conta, mas à invenção relacionada a essa lembrança, porque esse não é um texto afetado pela subjetividade dela ou que

está à mercê dos efeitos do tempo na reconstituição fiel de uma lembrança. O texto expositivo apenas apresenta os fatos.

Ainda nesse trabalho sobre a presença de dois gêneros distintos, solicite aos estudantes que se dividam em duplas e leiam um capítulo do livro (ou seja, as memórias e o texto expositivo). Oriente-os a prestar atenção também no aspecto gráfico: há diferenças no tipo e no tamanho da letra, assim como nas cores de fundo da página que marcam a distinção entre os dois gêneros, além de o texto expositivo estar sempre disposto entre duas ilustrações, nas páginas que o precedem e o sucedem. Pergunte: Há uma razão para isso ou foi por acaso? O projeto gráfico leva em consideração o que a história pretende contar? Por quê? Depois de cada dupla registrar suas hipóteses, peça que socializem as respostas com os demais colegas, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão. Questione-os sobre as razões pelas quais a autora escolheu traçar esse caminho na produção da obra, pensando que efeitos ela esperava provocar no leitor.

Histórias de antigamente contém várias narrativas que, embora tenham relação uma com a outra, já que são todas memórias da autora, podem ser lidas de forma independente; não há uma construção textual que promova uma progressão linear entre os capítulos, ou seja, é possível ler o último antes do primeiro, pois isso não afetará a compreensão da obra. Esse também é um aspecto interessante de ser colocado em discussão: Que recursos a escritora utilizou para que cada capítulo tivesse um sentido completo e não se estabelecesse uma relação de dependência entre eles? Essa conversa deve privilegiar a análise da estrutura dos textos, e você pode observar com os estudantes a situação inicial, o desenvolvimento, a conclusão e a finalização.

Nas memórias, a escritora cria uma atmosfera de amizade entre ela e o leitor, não só porque o texto está escrito em primeira pessoa, mas porque se dirige ao seu interlocutor, convidando-o a participar da conversa.

Pense comigo: eles andavam a cavalo o dia todo porque não existia carro, transpiravam muito porque não existia ar-condicionado e ainda por cima não podiam usar shorts. (p. 25)

O uso dos adjetivos dá um colorido ao texto, permitindo que o leitor visualize as cenas e se identifique com os sentimentos da narradora, graças à forma como ela descreve os lugares, as coisas e os acontecimentos. Por isso, sugerimos que você, em algum momento, escolha um trecho da história e pergunte à turma que sensações provoca: Que palavras, no texto, produzem esse efeito? Qual é a importância do emprego dos adjetivos no texto literário?

Nas discussões, também podem ser aproveitados alguns trechos para uma conversa sobre as relações familiares. Por exemplo:

Coisas que são interessantes pra ele, mas pra mim sempre beiraram o insuportável. O fato é que toda vez que a gente ia assistir à tv acabava saindo briga, e os dois ficavam o tempo todo mudando o canal. E se isso já parece chato hoje, que se pode fazer tudo pelo controle remoto, sem sair do sofá, imagine como era irritante ficar levantando a cada instante pra girar o botão seletor da tv e escolher um programa num dos cinco canais disponíveis! (p. 67)

Nessa conversa, sugerimos que sejam propostas perguntas como: Quem tem irmãos? Há disputa pelo controle remoto? Alguém manda mais na disputa? O que acham dessa forma de se relacionar com os irmãos? Há alguma maneira de diminuir os conflitos? Qual?

Outras passagens permitem esse tipo de conversa com os estudantes, em que se ponham em pauta as formas de se relacionar com os outros. No caso das memórias narradas em “Os penicos da escola” (p. 23), pode-se perguntar quem já teve ideias como a das alunas do colégio interno e quais foram as consequências disso, perguntando-se, por exemplo: Qual é o limite entre a brincadeira e a provocação? Como podemos nos divertir sem irritar ou chatear outras pessoas?

Finalmente, é possível propor também um debate sobre documentos históricos. Sugerimos que seja iniciado com questões como: Afinal, uma privada pode ser considerada um documento histórico? Em quem medida? O que serve de norteador na pesquisa sobre como vivíamos antigamente? Qual é a importância de conhecer o funcionamento social de outra época? Esse debate é relevante, uma vez que conhecer o modo de viver do passado e estabelecer relações entre o que fomos e o que nos tornamos são exercícios importantes para entender que a sociedade não é estática e que exercer a cidadania também é promover mudanças que melhorem a vida de todos, nas pequenas e nas grandes coisas.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante orientar o estudante para que ele seja capaz de desenvolver estratégias de leitura que permitam:

Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos. (BRASIL, 2017, p. 70.)

É nessa direção que propomos encaminhar o planejamento do trabalho que você irá desenvolver com os estudantes, nas etapas a seguir.

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Essa etapa do trabalho tem como objetivo oferecer ao estudante instrumentos para que seja capaz de realizar uma leitura que resulte na fruição do texto e também numa análise literária que permita a ampliação de seus conhecimentos. Assim, é interessante que você faça um levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes, tanto sobre o tema como quanto ao gênero da obra.

O professor deve conhecer as ideias de seus alunos em relação àquilo que se propõe ensinar, tanto para poder descobrir se possuem apoios conceituais suficientes para incorporar os novos conhecimentos como para tentar entender sua forma de proceder e de interpretar o escrito, visando favorecer a evolução positiva desses conceitos no desenvolvimento da aprendizagem. [CAMPS; COLOMER, 2002, p. 69.]

Com relação ao tema, podem ser propostas perguntas como: Que costumes de antigamente eles conhecem? O que acham desses costumes? Se for possível, selecione previamente imagens que mostrem aparelhos eletrodomésticos, automóveis ou casas, além de outros objetos que achar interessantes, em épocas distintas, que se modificaram ou mesmo deixaram de existir, e mostre-as aos estudantes. Depois, promova uma roda de conversa: Quais dessas invenções você conhece? Para que servem ou serviam? Todas ainda existem? São iguais hoje em dia ou se modificaram? Por que coisas como essas mudam com o passar do tempo? Você tem lembranças de infância relacionada a algum objeto em específico? Qual?

Além dessas questões, uma sugestão é preparar um trabalho acerca do gênero memórias. Peça que os estudantes escrevam o que é, na opinião deles, a memória. Depois, oriente-os a localizar e ler o verbete correspondente a essa palavra no dicionário. Solicite que comparem sua resposta com a definição lida e socializem suas respostas. Pergunte-lhes então se já leram outras memórias e, em caso afirmativo, quais as características delas. Na sequência, medeie a produção de um registro coletivo com essas hipóteses, que poderá ser revisado após a leitura do livro.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Após a leitura de *Histórias de antigamente*, você poderá propor aos estudantes que retomem o registro que fizeram sobre o gênero memórias. Que hipóteses eles confirmaram? Quais não? Por quê? Como podem fazer para confirmar se essas hipóteses são regularidades do gênero ou são particularidades desse livro?

Será também significativo que o estudante produza um texto com suas memórias. O processo de pesquisa será fundamental nessa proposta. Uma sugestão é que ele primeiro selecione uma invenção que torne sua vida mais cômoda, seja importante para ele e provoque alguma lembrança, por exemplo, como era sua vida antes de ter essa comodidade ou algum caso contado por sua família, à semelhança do que faz Patricia Auerbach. Numa “roda de memórias”, cada estudante vai contar aos colegas suas lembranças. Dessa maneira, haverá também um espaço para que se resgate a tradição oral, o hábito de contar histórias. Em seguida, eles devem registrar suas memórias.

A próxima etapa é entrevistar um parente ou outro adulto (por exemplo, um funcionário da escola) a respeito do objeto escolhido: Como era esse objeto quando o adulto era jovem? Já existia? Como funcionava? Ele tem alguma memória relacionada a esse objeto? Qual?

Por fim, você também poderá orientar um trabalho de pesquisa, junto com o professor de História, sobre as funções dos objetos escolhidos pelos estudantes.

Essas informações e a lembrança do estudante serão utilizadas na produção do texto. Depois de escritas e revisadas, as produções serão publicadas em um livro da turma, que poderá circular entre a comunidade escolar. Os textos devem ser acompanhados de uma ilustração produzida pelo autor — nela pode ser utilizados os materiais e as técnicas de preferência dele: lápis de cor ou de cera, colagem, aquarela, fotografia etc. Esse trabalho pode ser desenvolvido com o professor de Arte.

Se possível, organizem um lançamento do livro de memórias da turma. Nele, pode haver uma sessão de leitura, em que alguns estudantes leem seu texto para o público.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

HISTÓRIA

No que se refere à disciplina de História, a BNCC postula que:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história. (BRASIL, 2017, p. 396.)

O livro *Histórias de antigamente* apresenta uma relação interessante com essa área do conhecimento, pois, a partir da experiência que proporciona ao leitor, pode-se propor ao estudante que, contando com a mediação do professor, assuma uma postura de historiador, utilizando objetos materiais para compreender as coisas do mundo, situando-os dentro de um espaço-tempo que possibilite, concomitantemente, uma percepção acerca da sociedade que os produziu.

Para isso, é possível pensar num trabalho interdisciplinar entre as áreas de Língua Portuguesa e História, no qual se discutirá a produção do texto expositivo e se dará início a um projeto de pesquisa sobre documentos históricos. O resultado dessa pesquisa poderá ser incorporado à proposta de um livro de memórias produzido pelos estudantes, apresentada no item anterior.

Primeiro, cabe compreender o que são documentos históricos e para que servem. Depois, deve-se ampliar essa discussão e fazer perguntas que auxiliem o estudante a perceber a relação entre o objeto pesquisado e o modo como a sociedade que o produziu funcionava: “De que material é feito o objeto em questão? Como é produzido? Para que serve? Quem o consome? Seu significado se alterou no tempo e no espaço? Como cada indivíduo descreve o mesmo objeto? [...]” (BRASIL, 2017, p. 396.)

Finalmente, deve-se orientar uma pesquisa sobre a origem do objeto, localizando sua invenção na história e propondo que os estudantes discutam o impacto que causou naquela sociedade. Por exemplo: O que a invenção da mamadeira representou para a mulher? De que maneira ela afetou a sociedade? Há uma relação entre sua invenção e a inserção da mulher no mercado de trabalho? Por quê?

A realização dessa pesquisa fará com que o estudante avalie estratégias de busca de informação, referências bibliográficas e formas de validação dos dados obtidos. Além disso, também poderá privilegiar um olhar mais analítico no que tange às mudanças que acontecem na sociedade, de forma a questionar se o surgimento de um objeto acontece por causa de uma demanda posta pela sociedade, como as requisições do feminismo, por exemplo, ou se é o objeto que dá o “pontapé inicial” para que essas mudanças ocorram. Avaliar e questionar esses fatos, certamente, são uma forma de incentivar, nos estudantes, o exercício da cidadania, à medida que compreendem melhor a sociedade na qual estão inseridos e percebem as diversas formas pelas quais podem transformá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- CAMPS, Anna; COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.